

RENÉ MARAN, EXILADO DO TEMPO

Danielle Grace de ALMEIDA*

RESUMO: O presente artigo pretende examinar a construção de uma poética do exílio na escrita de René Maran (1922;1935). A partir das reflexões de Edward Said (2003) em “Reflexões sobre o exílio”, propõe-se entender a figura do exilado nas representações de nacionalidade como processo constitutivo de uma persona literária ambígua. Além de apontar para a representação de uma ausência, a poesia de Maran acaba por evidenciar a expressão de um sentimento de exílio que está mais fortemente atrelado ao tempo do que exprime, exclusivamente, uma problemática referente às distancias espaciais. Com isso, espera-se discutir o lugar peculiar que Maran ocupa na literatura (francesa e/ou guianense), dando especial atenção a sua poesia, considerada “clássica” e pouco estudada (MOURALIS, 2013; LITTLE, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: René Maran. Poesia guianense. Exílio. literatura latino-americana em língua francesa.

Introdução

Ao falar da obra poética de René Maran, é preciso levar em consideração alguns aspectos indicados por duas análises relevantes para o estudo de sua poesia. Em seu artigo, “*René Maran, poète français, francophone, francographe*”, Roger Little (2005) chama atenção para a pouca repercussão dada à poesia do autor. Esse desinteresse pode ser associado ao fato de sua produção poética não estar alinhada às temáticas tratadas em *Batouala*¹, em torno do qual se concentram os holofotes e as polêmicas geradas pela premiação do Goncourt de 1921. Segundo Little (2005, p.65), a repercussão do romance o teria reduzido a “*homo unius operis*”, ou seja, autor de um único livro, ao passo que, como se sabe, Maran produziu uma extensa e variada obra ao longo de toda a sua vida.

* UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Práticas Educacionais e Currículo. Integrante do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/CCHLA). Natal – RN – Brasil. 59.072-970 - daniellegrace15@gmail.com

¹ Confira Maran (1989a).

Na mesma direção, Bernard Mouralis (2013, p.183), em “*René Maran et le monde antique: du lyrisme élégiaque au stoïcisme [...]*”, ao tentar definir a obsessão da crítica por *Batouala*, cunha o termo “*batoualacentrisme*”. O crítico acredita que a fixação da sociedade letrada da época em torno do conteúdo do romance, considerado ofensivo para a sociedade francesa², “[...] *a eu comme conséquence de masquer une personnalité littéraire du XX siècle particulièrement complexe.*” (MOURALIS, 2013, p.183)³. Quanto à sua poesia, Mouralis ressalta que, paralelamente ao cultivo da erudição, sua obra aponta para um “[...] *sentiment de l’ exile et [un] taedium vitae [...]*” (MOURALIS, 2013, p.184, grifo nosso)⁴. Em outras palavras, uma melancolia que permite entrever uma escrita da perda.

Essas considerações são importantes em uma análise da poesia de Maran e da persona poética que se encontra em sua obra. O que Little (2005) observa e que parece ressoar também nas investigações de Mouralis (2013), conduzindo-o a entrever uma poesia do exílio, permite elaborar uma chave de interpretação das posições controversas de René Maran. Primeiramente, seguindo as recomendações de Mouralis, é preciso recuperar, em alguma medida, seu contexto histórico, que se situa entre o fim do século XIX e a primeira metade do XX. Nascido em 1887 e morto em 1960, a sua obra foi produzida em um período marcado por duas guerras mundiais e grandes transformações definitivas no que diz respeito às tecnológicas, aos modos de produção e às conformações sociais.

Durante todo o século XIX e a primeira metade do XX, as políticas expansionistas da Europa reafirmavam a importância das colônias para o desenvolvimento das indústrias através da exploração dos recursos naturais e da extensão de um mercado consumidor. As grandes Exposições Coloniais espetacularizavam os avanços realizados nas colônias e a relevância delas para a corrida pelo progresso e crescimento econômico. Kesteloot (1963, p.93) explica que foi na ocasião da Exposição de 1931⁵ que nasceu, por exemplo, a *Revue du*

² Como se sabe, Maran era administrador federal das colônias francesas. Esteve na região de Ubangui-Chari, na África Central entre os anos 1909 e 1923. *Batouala* descreveria os abusos da colonização.

³ “[...] teve por consequência mascarar uma personalidade literária do século XX particularmente complexa.” (MOURALIS, 2013, p.183). Tradução de minha autoria como ocorre em todas as citações no original em língua estrangeira.

⁴ “sentimento do exílio e [um] *taedium vitae*” (MOURALIS, 2013, p.184).

⁵ A *Exposition Coloniale Internationale et des Pays d’Outre-Mer* ocorreu em Vincennes, Paris, em novembro 1931, cujo lema era “*Coloniser, c’est civiliser*”. Confira Morettin (1931). Importante destacar a tentativa de boicote dos surrealistas desta Exposição. O grupo liderado por André Breton organizou um levante e escreveu um folheto de manifesto contra o evento intitulado “*Ne visitez pas l’Exposition Coloniale*” [Não visitem a Exposição Colonial] em que se pode ler o seguinte fragmento: “*Il s’agit de donner aux citoyens de la métropole la conscience de propriétaires qu’il leur faudra pour entendre sans broncher l’écho des fusillades lointaines.*” [Trata-se de dar aos cidadãos da metrópole a

Monde Noir, da qual Maran foi um dos signatários junto com Price-Mars, Félix Éboué e outros nomes que almejavam criar através dela um espaço de publicação de obras artísticas, literárias e científicas reservadas aos autores de “*la race noire et aux amis des noirs*” (*Revue du Monde Noir* apud KESTELOOT, 2020, p. 93)⁶. No decorrer das décadas de 1920 e 1930, Maran fazia parte dos intelectuais que reivindicavam o valor da arte e da cultura produzidas por pessoas negras. Com seu livro de 1921, e o polêmico prefácio de 1937, o autor, apesar de não se declarar anticolonialista⁷, contribuiu para o debate contra as políticas coloniais, chegando a ser um símbolo para o movimento da Negritude.

Portanto, é como indivíduo atravessado pelas vicissitudes de seu tempo que Maran constrói uma obra em diversos gêneros: romance, ensaio, conto e poesia. Sem se distanciar das circunstâncias que envolvem *Batouala*, pode-se identificar um autor que em todo o seu projeto poético se posiciona sob a ótica do exilado. Isso nos permite uma análise que busque escrutinar sua obra ali onde ela se estabelece mais profundamente através de uma voz hesitante e ambígua, ora apontando as injustiças do sistema colonial, ora enaltecendo a pátria francesa e se apropriando, na poesia, da tradição literária ocidental. Nesse sentido, é representativo, como notou Mouralis (2013, p.187), o frequente diálogo a autores da antiguidade clássica. O crítico explica que essa característica da poesia de Maran “[...] *ne peut se réduire [...] à la seule volonté d’écrire une poésie ‘savante’ [...]*”⁸, pois

*Elle fournit à l’écrivain un certain nombre de moyens qui lui paraissent susceptibles d’exprimer cette tristesse profonde, ce **sentiment constant d’être un exilé**, qui sont au cœur de la personnalité littéraire de René Maran. Par là-même, nous mesurons aussi ce qu’il y a de paradoxal dans ce travail rhétorique, fondé notamment sur la pratique de la citation, puisque l’imitatio est utilisée pour exprimer le moi de l’écrivain.* (MOURALIS, 2013, p.187, grifo nosso)⁹.

consciência de proprietários que lhes é necessária para ouvir sem estremecer o eco dos tiros distantes.] Confira Ne visitez pas... (1931).

⁶ “da raça negra e aos amigos dos negros” (*Revue du Monde Noir* apud Kesteloot, 1963, p. 93).

⁷ O anticolonialismo não parecia ser uma ideia aceitável para René Maran. Como sublinha Roger Little (2020, p.27), uma contestação dessa ordem estava reservada aos comunistas ou às manifestações escandalosas dos surrealistas.

⁸ “[...] não se pode reduzir [...] unicamente ao desejo de escrever uma poesia ‘erudita’ [...]” (MOURALIS, 2013, p.187).

⁹ “Ela fornece ao escritor uma certa quantidade de recursos que lhe parecem suscetíveis de expressar essa tristeza profunda, esse sentimento constante de ser um exilado, que estão no cerne da personalidade literária de Maran. Por aí mesmo, é possível medir também o que há de paradoxal nesse trabalho retórico, fundado notadamente sobre a prática da citação, já que o *imitatio* é utilizado para expressar o eu do escritor.” (MOURALIS, 2013, p.187).

Não deixa de ser paradigmático desse “sentimento constante de ser um exilado”, o retorno a um passado longínquo, anterior a tantas transformações mundiais, como se nesse procedimento fosse possível se situar em um tempo anterior às conformações sociais e políticas de seu tempo. Nesse trecho, compondo o capítulo intitulado “*Vers la sagesse*” [Rumo à sabedoria], do livro *Le visage calme* [O semblante calmo], de 1922, Maran (1922, p.49) descreve sua visão sobre o século XX:

*Marc-Aurèle, soldat, philosophe, empereur,
En nos temps furieux si tu pouvais revivre,
Quel triste effarement et quelle morne horreur
Obscurciraient tes yeux habitués au livre ?
[...]
Les hommes, depuis toi, n'ont pas su progresser.
Car les mêmes tribus et les mêmes peuplades
Que tes rudes tribuns empêchaient d'avancer,
Hurlent, comme hurlaient tes Germains et tes Quades.* (MARAN, 1922, p.49)¹⁰.

O retrocesso que o poeta denuncia aclamando Marco Aurélio, imperador romano adepto da filosofia estoica, traz à cena as questões que assolam um mundo em guerra. À época da publicação de seus poemas, Maran vivia a serviço da França em Ubangui-Chari, hoje República Centro-Africana, de onde sairá somente em 1923, quando abandona o posto de administrador colonial. Não se sabe as circunstâncias exatas que inspiraram a comparação entre o seu tempo e o do imperador romano, mas não se pode ignorar, além de uma Europa em tensão constante, o lugar em que se encontrava o poeta e os conflitos em torno das intensas disputas pela exploração das colônias no pós primeira guerra. Mais adiante, reportando-se a Juliano, outro imperador romano, conhecido por sua literatura e influência filosófica e último dos governantes pagãos, o poeta constrói um ambiente melancólico, cujo sentimento de perda e desalento parecem se referir à sua época.

¹⁰ “Marco Aurélio, soldado, filósofo, imperador, / Se em nossos tempos de fúria pudesses reviver, / Que triste assombro e que horror sombrio / Escureceria seus olhos habituado ao livro? [...] Os homens, depois de ti, não souberam progredir / Pois, as mesmas tribos e os mesmos povos / Que teus bravos tribunos impediam de avançar / Gritam, como gritavam teus germanos e teus quados.” (MARAN, 1922, p.49).

*Julien, Julien, empereur Julien,
Toute religion est vaine et périssable.
L'homme, qui les modèle à son gré, n'étant rien,
Le jour vient qui les broie et les égale au sable.*

*Ton âme d'apostat, par la haine troublée,
Eut tort de renier le lointain avenir.
Il ne t'a pas vaincu le Dieu de Galilée.
Si son règne fut long, il est près de finir.*

*Qu'il ne renaisse plus; ses servants, soulevés,
Du seuil de sa maison le chasseraient, peut-être,
Les temps qu'il présidait ne sont pas arrivés.
Le faible reste esclave et seul le fort est maître.
(MARAN, 1922, p. 54)¹¹.*

No exemplo acima e no decorrer de todo o capítulo, o poeta se afasta de seu tempo, dialogando com personagens de uma história longínqua, considerando os primórdios da república e da civilização ocidental. Situa-se em uma época anterior às grandes navegações, à expansão do domínio colonial, à escravização em grande escala e ao cristianismo. Nestes versos, é possível identificar uma voz que exprime melancolia e perda, exilada de um tempo de promessas que ainda não se cumpriu, já que “[...] os fracos permanecem escravos e apenas os fortes são senhores [...]” (MARAN, 1922, p.54)

De acordo com Edward Said (2003), em “Reflexões sobre o exílio”, a figura do exilado é recorrente na produção literária do século XX, sobretudo a partir da segunda metade, quando a imigração se torna um fenômeno socioeconômico e cultural. Para as pessoas marcadas por dinâmicas de desterritorialização, a escrita funcionaria como um esforço “para superar a dor mutiladora da separação” (SAID, 2003, p. 47). Considerando essa definição, é possível a analogia com algumas características que se evidenciam nas literaturas da América Latina, já que, muitas vezes, nessas produções, a escrita seria um modo de suplantar os traumas causados pelo processo colonial. Ou mesmo, como uma forma de

¹¹ “Juliano, Juliano, imperador Juliano, / Toda religião é vã e perecível. / O homem, que as molda ao seu grado, sendo nada, / Chega o dia que as esmaga e as iguala à areia. / Tua alma de apóstata, pelo ódio perturbada, / Errou de renegar o futuro longínquo. / Não te venceu o Deus da Galileia. / Se seu reino foi longo, está perto do fim. / Que ele não renasça; seus servos, revoltados / Do limiar de sua casa iria persegui-lo, talvez, / Os tempos que ele presidia não chegaram. / Os fracos permanecem escravos e apenas os fortes são senhores.” (MARAN, 1922, p.54).

expor o desejo de ruptura com todos os elementos que compõem um passado de separação e opressão. Segundo Said (2003, p.48),

[...] na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós”.

Ao tomar por análise a literatura produzida ou inspirada pela condição do exílio, não se pode perder de vista essas “mutilações”, de que fala Said, e que nos colocam em contato com um ser fragmentado pelas perdas e instabilidades de sua condição. Em se tratando de Maran, tal aproximação só é possível ao considerar as especificidades de um exílio outro, situado em um tempo e um espaço não focalizados pelas análises de Said. As ideias do crítico permitem, contudo, expandir as reflexões sobre o exílio colonial e sobre como a literatura contribuiria para realinhar a relação entre o passado e as conformações sociais do presente. Servindo-se de seus dispositivos estéticos, a arte transformaria o trauma em algo que pode ser experienciado pelo coletivo. Conectar-se a essa intensidade é deixar-se impregnar pela dor do outro, mas, para isso, é preciso restabelecer a densidade de fatos que causam desalentos irreparáveis e nos lembram que o exílio é

[...] irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia. (SAID, 2003, p. 48).

A perspectiva de Said aponta para o papel paradoxal que a literatura tem nessa relação entre o exílio, a obra e o leitor. Se por um lado, ela permite a ruptura do silêncio por um regime de constante elaboração do trauma, por outro, se capturada por idealizações sobre a experiência do exílio, pode contribuir para banalizar as feridas causadas por uma condição histórica da qual todos tomamos parte. Como sublinha o crítico, ao contrário do que ocorre ao ler uma obra, “[...] ver um poeta no exílio [...] é ver as **antinomias** do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par.” (SAID, 2003, p. 48. grifo nosso).

Com Maran, nota-se a tendência a exigir uma atitude coerente com a lógica contemporânea, sem que os processos históricos e individuais contribuam para equacionar essas expectativas. De fato, *Batouala* e outros romances dos anos 1920 e 1930¹² relatam os impactos da colonização ao passo que o próprio autor não se declara contrário aos princípios ideológicos que a viabilizam. Em suas declarações, encontra-se uma voz mais inclinada à declaração de amor à pátria (a França), do que comprometida com a causa anticolonial. Nesse sentido, a sua obra poética é ainda mais paradigmática, pois que através dela, em tom elegíaco, o poeta não cessa de declarar as glórias do país que aprendeu a amar.

*Ces emblaves du sang de leurs maîtres nourries !
Enfin, comprends que la plus belle des patries,
C'est toi, la plus chérie au monde — toi, la France,
La France dont le nom promet la délivrance
Aux peuples terrassés par les brutes germanes...*
(MARAN, 1935, p. 68)¹³.

Nesses versos de *Belles Images* [Belas Imagens], de 1935, vemos uma França idealizada como pátria, distante de suspeitas acerca das atrocidades em curso fora do Hexágono. Retornando a *Le visage calme*, na seção intitulada “Amicae Amissae”, a que ele dedica a amigos mortos na guerra, encontram-se os seguintes versos:

*Lorsque j'appris ta mort en mon poste de brousse,
— C'était, il m'en souvient, juste le jour de l'an.
— Je songeais à la France, à sa lumière douce,
A Bordeaux, à l'automne, enfin à toi, maman.*
(MARAN, 1922, p. 49)¹⁴.

A França, aqui associada à figura materna, à própria “mãe”¹⁵ do poeta, permite deduzir a ideia de nação provedora, onde se pode encontrar segurança e

¹² *Djouma, chien de la brousse* (1927) ; *Le livre de la brousse* (1934) ; *Bêtes de la brousse* (1941). Confira Maran (1927, 1934, 1941).

¹³ “Essas sementeiras do sangue de seus mestres alimentadas! / Por fim, entenda que a mais bela das pátrias, / És tu, a mais querida do mundo – tu, a França, / A França cujo nome promete libertação / Aos povos abatidos pelos brutos germanos...” (MARAN, 1935, p. 68).

¹⁴ “Quando soube de sua morte em meu posto na mata, / — Era, me lembro bem, o primeiro dia do ano / — Pensava na França, em sua luz suave, / Em Bordeaux, no outono, enfim em você, minha mãe.” (MARAN, 1922, p. 49).

¹⁵ Sabe-se que Maran recebeu a notícia da morte da mãe em circunstâncias parecidas, também no primeiro dia do ano.

acolhimento. Em suas convicções afetivas, a França figura como a pátria, à qual estão arraigados seus valores éticos. Mas essa construção subjetiva composta por um ufanismo ao contrário, já que a França é o país do branco colonizador, não é, no caso de Maran, um contraponto ao sentimento de exílio. Esse mesmo caráter paradoxal funda sua condição e lugar social no mundo. Said (2003, p. 51) se interroga: “[...] como [...] alguém supera a solidão do exílio sem cair na linguagem abrangente e latejante do orgulho nacional, dos sentimentos coletivos, das paixões grupais?” No caso do poeta, é possível imaginar o quanto as afirmações patrióticas direcionadas ao único país que realmente conheceu e aprendeu a amar lhe permitiam fundir-se no coletivo, conferiam-lhe um senso de pertencimento capaz de auxiliá-lo na solidão e no sentimento de perda.

Essa peculiaridade do sentimento exílico que transparece em sua obra desestabiliza a própria concepção de identidade nacional que vigorava no projeto de Estado-nação. Maran era um homem negro, nascido na colônia, porém, era como um francês¹⁶ que elaborava suas críticas ao modo como os colonos procediam. Ele outorga a si o direito de ataque aos caminhos tomados pelo país, colocando em xeque os rumos da política nacional. Com *Batouala*, por exemplo, o autor submete o processo colonial a uma revisão ética, apontando para o fracasso da missão civilizatória ao mesmo tempo em que narra a história dos Bandas, etnia cuja organização social e cultural se afasta da ideia de que o ser escravizado vivia na barbárie. Com assim, ele ultrapassa as fronteiras concedidas ao colonizado e coloca sob suspeita conceitos basilares que justificavam as ações dos colonizadores. Stuart Hall (2016), em *Cultura e Representação*, chama de “naturalização”, o discurso que essencializa as diferenças, ancorando-as em uma natureza permanente, fixada através da cor da pele e/ou da origem étnica.

A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais” – como acreditavam os proprietários de escravos –, estão além da história, são fixas e permanentes. (HALL, 2016, p.171).

Hall constata, então, que na relação que se estabeleceu entre colonizador e colonizado, a compreensão das diferenças, e, sobretudo, o discurso sobre elas,

¹⁶ Somente em 1946 com a implementação da “lei de assimilação”, as antigas colônias transformaram-se em Departamento Ultramar da República Francesa. Com isso, os habitantes da Guiana Francesa, ilhas da Martinica, Guadalupe e Reunião receberam o estatuto de cidadãos franceses.

se dava por meio da “prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza” (HALL, 2016, p.171). O que essa análise revela, ao permear ainda o imaginário simbólico do mundo contemporâneo, é a extrema dificuldade de se lidar com os traumas desses tempos. De um lado, percebe-se um interdito a respeito da responsabilização sobre as misérias advindas das diásporas escravagistas e do espólio de terras; de outro, há o silêncio que recai sobre as histórias individuais e coletivas. Enquanto o passado ainda fantasmagoriza o modo como as relações se estabelecem com a alteridade, as práticas de colonização mudaram de estratégias e permanecem vigente nas ações de exploração e desterro. Segundo a perspectiva teórica trazida por Hall e os estudos culturais, as identidades são entendidas como uma conjunção de articulações que envolve a relação entre os sujeitos, a história e os inúmeros fatores que compõem o contexto social. Em outro texto, intitulado “Quem precisa de identidade?”, Hall (2000) explica que não se pode compreender a identidade como

[...] um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. (HALL, 2000, p. 108, grifo do autor).

Tomando por parâmetro tal perspectiva, seria possível interpretar a atitude de declaração de afeto incondicional de Maran à França como uma interpelação lancinante a respeito do que realmente significa ser francês, antilhano ou guianense. A partir desta breve discussão sobre a questão identitária e o conceito de naturalização¹⁷ (HALL, 2000; 2016), pode-se arriscar uma chave de compreensão da reação virulenta contra *Batouala* na época de sua publicação, bem como da obsessão da crítica francesa em desvalorizar a obra e a posição intelectual de Maran. O autor representa uma dupla ameaça: desestabiliza os princípios que justificam a permanência da exploração colonial e a própria ideia que se tinha do *ser francês*. Tudo leva a crer que ao conceder a um autor negro

¹⁷ No Brasil, esse pensamento encontra um paralelo “científico” no final do século XIX e início do XX. Em seus estudos, Lilyan Schwarcz (2005, p.60) explica as implicações do evolucionismo brasileiro culminando na teoria do darwinismo social.

o Goncourt – prêmio renomado da cultura francesa, voltado à literatura, que é o orgulho nacional – as certezas identitárias e coloniais sofrem um duro golpe.

Além disso, o exemplo de Maran permite refletir sobre como as identidades são conformações em constante processo. Nesse sentido, explicar o sentimento nacionalista do autor por um processo de assimilação cultural, em que características próprias de suas origens antilhanas se apagarão para se aproximar à cultura do branco europeu, não parece dar conta da complexidade que envolve a questão. Kesteloot (1963), ao interrogar sobre o interesse que os escritores da Negritude encontraram em Maran, ratifica essa concepção, procurando ver no poeta categorizações estereotipadas que lhe confirmam legitimidade identitária.

Plus trace chez lui [Maran] d'un "tempérament nègre", ni de "survivances ancestrales": sa manière de penser, de sentir, est française. [...] Pourquoi dès lors cette "adoption" d'un écrivain qui n'a plus d'un noir que la couleur, par le jeune mouvement néo-nègre? (KESTELOOT, 1963, p. 83)¹⁸.

Na concepção de Kesteloot (1963), como se evidencia neste trecho, ser negro significa carregar uma série de características inerentes que estaria em conformidade com a sua cor. Maran nasceu e viveu os primeiros anos de sua vida na Martinica. Aos sete anos se mudou para Bordeaux sem sua família para estudar em um colégio interno, onde, como se pode deduzir, aprendeu o respeito à pátria francesa. Em relação a isso, pode-se perguntar como a experiência da educação francesa, sua vivência solitária no país e, na fase adulta, o cargo de confiança do Estado, que o levou aos 22 anos para África, teriam contribuído para o sentimento nacional em relação à França.

Essa conjunção de fatores que fez de Maran um exilado permanente permite aproximá-lo definitivamente dos exílios contemporâneos, mencionados anteriormente. Ao colocar em perspectiva a imigração no decorrer do século XX, na Europa, percebe-se que as populações instaladas há gerações em alguns desses países experimentam, ainda hoje, um desconforto em relação a sua identidade nacional. É o caso da imigração na França de pessoas advindas de ex-colônias francesas, cujos descendentes, mesmo nascidos e criados no país, são vistos socialmente como estrangeiros. Vivem o sentimento de exílio no país onde nasceram ou chegaram muito jovens e que, em muitos casos, é o único

¹⁸ “Não há mais nele [Maran] traços de um ‘temperamento negro’, nem de “sobrevivências ancestrais”: sua maneira de pensar, de sentir, é francesa [...] Por que, então, a ‘adoção’ pelo jovem movimento neonegro de um escritor que não tem nada de um negro senão a cor da pele?” (KESTELOOT, 1963, p. 83).

que conhecem. Apesar das diferenças históricas que separam estes dois tipos de exilados, pode-se identificar em ambos um sentimento de exílio que não se resume exclusivamente a distâncias espaciais, mas se realiza pela fratura de campos simbólicos que regem os processos identitários.

Longe de pretender tratar das complexidades que envolvem os fenômenos de imigração no século XX, tal aproximação procura salientiar um aspecto primordial do sentimento de exílio que encontramos na poesia de Maran, que é sua vinculação com o passado colonial. Said (2003, p. 50) ressalta que arrancar as pessoas de suas terras e de suas culturas é “[...] uma condição criada para negar[lhes] a dignidade e a identidade.” Ainda longe de uma recuperação econômica e cultural que restituía suas histórias, esses povos se encontram, ainda hoje, em um outro tipo de exílio, encerrado em um espaço-tempo inapreensível. Assim, um paralelo entre os imigrantes e exilados de nosso tempo e os povos escravizados de outrora, torna-se incontornável. Não se pode olhar para o passado colonial como se nada dissesse respeito aos acontecimentos contemporâneos. Sabe-se que os fenômenos de hoje são resultantes dos longos processos de escravização ocorridos desde os séculos XVI e XVII, reavivados posteriormente com o fortalecimento das políticas imperialistas da França e Inglaterra. No decorrer do século XX, um novo tipo de exilado foi se delineando e se tornou símbolo da degradação, tendo na figura do imigrante invasor e ilegítimo da terra, sua representação mais comum.

Na origem desses dois tipos de exílio, observam-se construções subjetivas marcadas pelas guerras territoriais do passado. Porém, diferentemente dos imigrantes da segunda metade do século XX, cujo fenômeno diaspórico é tão visível que mobiliza reações políticas, expressões artísticas e estudos científicos e sociais, o caso de Maran figurou de modo isolado em seu tempo:

Être nègre, a-t-on en effet idée d'être nègre ? Voilà qui est déjà singulier, à une époque où les blancs ont envahi toutes les parties du monde. Mais être nègre, et fonctionnaire colonial, et cultivé par-dessus le marché, voilà qui est prodigieux, renversant, miraculeux. (MARAN, 1962, p.60)¹⁹.

Nesta comparação se evidencia, portanto, um exílio de quem vive uma cisão não apenas em relação ao espaço, mas também ao tempo. Na época de Maran, os movimentos migratórios com os quais nos deparamos hoje como fenômeno

¹⁹ “Ser negro, tem ideia do que é, efetivamente, ser negro? Só isso, em uma época em que os brancos invadiram todas as partes do mundo, já é extraordinário. Mas ser negro, e funcionário colonial, e ainda por cima instruído, eis o que é prodigioso, espantoso, miraculoso!” (MARAN, 1962, p. 60).

mundial, bem como as circunstâncias diaspóricas desses deslocamentos, era algo ainda distante no debate público e nas elaborações teóricas sobre essas realidades. Atualmente, procura-se entender a constituição das identidades a partir de processos de desessencialização dos sujeitos, como discutido há pouco. Com Maran, estar exilado é perder-se de sua própria história, no silenciamento dos resquícios da violência colonial, sem que a conexão com um novo espaço (a França) seja admissível.

Todavia, se, mesmo admitindo que Maran era um homem de seu tempo, como vimos há pouco, é possível interpretar o exílio temporal do poeta como algo desvinculado de sua época, um caso isolado, que receberá atenção somente com a intensificação de outros modos de dominação no futuro. Deve-se admitir que a construção da identidade nacional precisa ser discutida levando-se em consideração a diversidade, acolhendo o que Glissant (2005, p. 70) entende como “[...] a surpresa do *sendo* [...] em contraposição à permanência do ser.” O mesmo sistema educacional que ensinou o poeta a ser “francês”, o transformou em um eterno estrangeiro, tanto da pátria que amava, a qual precisa, a cada vez, comprovar seu pertencimento, quanto de seu país de nascença, com os quais os vínculos afetivos não parecem ter sido estabelecidos. Gary Wilder (2005), citando as palavras de Maran em correspondência com um amigo, ressalta o momento em que o poeta teria sentido na pele o racismo que denunciou em sua obra literária:

Maran began to relate the “growing sadness that devours me” to metropolitan racism: “I suffer not because they have something against my talent, but against my character and my color.” He explained to an old friend, “the French believe that they have no color prejudice... But in fact, if I sit down on a bus, my neighbor instantly changes places; children laugh inanelly, their parents whisper and seem scandalized before a closely united couple who are, my wife and me, a white woman and a noir.” (WILDER, 2005, p. 164)²⁰.

Mais à frente, o crítico descreve o momento de desencanto do poeta com a França. Através do narrador de seu romance autobiográfico, *Le coeur serré* [O coração apertado], em que se pode entrever um profundo sentimento de exílio, Wilder (2005, p. 165) restaura a medida dessa experiência:

²⁰ “Maran começou a relacionar ‘a crescente tristeza que me devora’ ao racismo da metrópole: ‘Eu sofro não porque eles têm algo contra o meu talento, mas contra meu caráter e minha cor.’ Ele explicou a um antigo amigo, ‘o francês acredita não ter preconceito racial... Mas, de fato, se me sento em um ônibus, meu vizinho instantaneamente muda de lugar; crianças riem estupidamente, seus pais sussurram e parecem escandalizados diante da união de um casal formado, como minha esposa e eu, por uma mulher branca e um negro.’” (WILDER, 2005, p. 164).

After returning to Paris, Maran began to concede that racism for colonial subjects of African descent was inescapable. The narrator of his autobiographical novel, Jean Veneuse, recognizes that even after thorough cultural assimilation, a black cannot be “a man just like others.” Despite “his intelligence and diligent work,” he is “but a nègre”: “In good faith I believed in this culture and led myself to love this new world... What an error I made!... White people did not acknowledge me as one of their own, and black people almost disowned me.” (WILDER, 2005, p. 165)²¹.

Imbuído desse mesmo sentimento de desterro, Maran se volta para um passado de ilusões e, se referindo ao seu premiado *Batouala*, expressa, em uma das elegias que compõem *Le visage calme*, a profunda separação que dividiu o seu mundo.

*Naguère j’aimais les joyeux refrains
Et les voix égales
De ceux qui jouaient sur les tambourins
Ou sur les cymbales.*

*Maintenant, au lieu que de m’égayer
Aux rythmes de danses
Dont le violon du ménétrier
Unit les cadences,*

*Le front dans la main et les yeux perdus
Sur mon dernier livre,
Je ne songe plus aux chants entendus
Lorsque j’aimais vivre,*

*Lorsque j’adorais la vie et ses jeux,
Sa boue et sa fange,
Et de ses plaisirs les plus dangereux...
Oh ! comme tout change.
(MARAN, 1922, p. 6)²².*

²¹ “Depois de retornar a Paris, Maran começou a admitir que o racismo contra os sujeitados das colônias de ascendência africana era inevitável. O narrador de seu romance autobiográfico, Jean Veneuse, reconhece que mesmo após uma completa assimilação cultural, um negro não pode ser ‘um homem como os outros’. Apesar de ‘sua inteligência e trabalho diligente’, ele é ‘mas um nègre’: “De boa-fé eu acreditei nesta cultura e me levei a amar este novo mundo ... Que erro eu cometi! ... Os brancos não me reconheceram como um dos seus, e os negros quase me renegaram.” (WILDER, 2005, p. 165).

²² “Amava antes os alegres refrãos / E também as vozes / Daqueles que brincavam com os pandeiros / Ou com os címbalos. / Agora, ao invés de me animar / Nos ritmos das danças / Das quais violino de violinista / Une os ritmos,

Nesta elegia que abre a primeira parte de título homônimo ao livro, é possível identificar como alguns temas clássicos da poesia, tais como o amor e as lembranças são retratados com desesperança e melancolia. O cenário de cores e sons, os jogos e a vida ao qual o poeta parecia estar acostumado contrastam com seu autorretrato, pondo em suspensão os desejos mundanos: “*Le front sur la main et les yeux perdus / Sur mon dernier livre*” (MARAN, 1922, p.6). Nesta imagem de si, seus olhos estão congelados em uma ausência emocional que o faz perder o gosto pela vida. Interessante notar que, neste poema, a alegria, o movimento e a vivacidade estão presentes nas descrições em todas as estrofes, somente o poeta se encontra fora, deslocado dos contornos da própria paisagem que criou. No centro deste cenário de abatimento, para onde converge toda a tensão, encontra-se a obra laureada. Um reconhecimento que não lhe garantiu pertencimento, como se sabe. Paul Tuffrau (1965 apud LITTLE, 2020) chega a afirmar que o sofrimento pela perseguição sofrida por *Batouala* teria marcado o poeta para sempre²³.

Seu livro expôs as atrocidades do processo de exploração colonial, e com isso evidenciou também os limites de entrada do autor no mundo intelectual e literário francês. Em seu prefácio de 1937, o poeta explica suas intenções:

Mes frères en esprit, écrivains de France, cela n'est que trop vrai. C'est pourquoi, d'ores et déjà, il vous appartient de signifier que vous ne voulez plus, sous aucun prétexte, que vos compatriotes, établis là-bas, déconsidèrent la nation dont vous êtes les mainteneurs. Que votre voix s'élève ! Il faut que vous aidiez ceux qui disent les choses telles qu'elles sont, non pas telles qu'on voudrait qu'elles fussent. (MARAN, 1989b, p. 7)²⁴.

Mesmo quando se admitiu importância a *Batouala*, isso se deu estritamente em termos políticos, acatando-se, em certa medida, as acusações de extrapolação de poder dos colonos. Nesse sentido, essa “boa” recepção acabou por reduzir toda a obra a uma denúncia que justificaria o prêmio, mas continua a negar-lhe

/ A testa na mão e o olhar perdidos / Sobre o meu último livro, / Eu não penso mais nas canções ouvidas / Quando adorava viver, / Quando amava a vida e seus jogos, / Sua poça e sua lama, / E seus prazeres mais perigosos... / Oh, como tudo está mudando.” (MARAN, 1922, p. 6).

²³ “*L'épreuve de Batouala avait, je crois bien, marqué René Maran pour toujours.*” [A provação de Batouala tinha, creio, marcado René Maran para sempre.] (TUFFRAU, 1924 apud LITTLE, 2020, p. 27).

²⁴ “Meus irmãos de espírito, escritores da França, tudo isso não é senão a pura verdade. Por isso, de agora em diante, cabe a vocês significar que não querem mais, sob nenhum pretexto, que seus compatriotas, lá estabelecidos, desacreditem a nação da qual são os mantenedores. Ergam suas vozes ! É preciso que vocês ajudem aqueles que dizem as coisas como são, não do jeito que vocês gostariam que fosse.” (MARAN, 1989b, p.7).

o devido reconhecimento literário (LITTLE, 2005), contribuindo para colocar o autor no esquecimento, arrancá-lo da história literária da França, fincá-lo em um profundo isolamento temporal. É através da sua sofisticação literária que se delinea uma possibilidade de reflexão sobre a condição humana sob os domínios imperiais. Neste caso, não se trata somente do exílio do poeta, mas o que se perde no tempo é uma escrita que abre o debate sobre a degradação do humano causada por ideologias de poder.

Ao evocar a temática do exílio, tão comumente associada às literaturas ditas modernas e contemporâneas, é preciso considerar o modo como regiões marcadas pelo processo colonial reconstrói seu patrimônio identitário através da produção literária. No caso de Maran, cuja sensibilidade parece inteiramente voltada à nacionalidade francesa, a questão se coloca menos como uma negação de suas origens, e mais como uma tensão. Esta convida a refletir sobre o que significa, desde a invenção do estado-nação, passando pelos traumas ainda vigentes do tráfico de escravos e, mais atualmente, das migrações em massa, ter uma nacionalidade. Dizendo de outro modo, devem-se interrogar as possibilidades de se estabelecer uma identidade nacional atrelando-a à cor ou etnia, traçando a partir daí categorias culturais e identitárias universais e inalteráveis.

Nesse sentido, a literatura de Maran, bem como sua personalidade paradoxal, são primordiais para lançar luz sobre o debate que envolve as circunstâncias de exílio no mundo atual. A análise de sua obra permite entender que espaços físicos e simbólicos, atravessados por conflitos territoriais, engendram novas conformações identitárias. Para Deleuze e Guattari (2007), é possível entender este processo através do conceito de reterritorialização, indicando uma recondução dos modos de se entenderem as constituições subjetivas. De acordo com os filósofos, estão em causa as conformações territoriais como limites geográficos e identitários estáticos. A desterritorialização, que é a dissolução das fronteiras simbólicas e espaciais, desemboca na “reterritorialização”, ou seja, a “[...] criação de uma nova terra [...] que conecta as linhas de fuga, que as leva à potência [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 646). As linhas de fuga podem ser pensadas aqui como novas formas de se situar no mundo, desestabilizando fronteiras espaciais e criando outras configurações em sua geografia afetiva. Tal pensamento está em consonância com o que fala Said (2003) ao explicar que o exilado

[...] sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas

para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, 2003, p.60).

No caso de Maran, o “mundo secular e contingente” que está em jogo em sua obra encontra-se atravessado pela ideologia estruturante do conceito de Estado-nação. A própria ideia de exílio é, portanto, um processo tensionado. Neste sentido, seu projeto poético constitui-se pela expressão de uma dupla perda: espacial-simbólico, já que em seu país não obtém o reconhecimento de seus conterrâneos, e temporal, posto que sua condição de exílio estava ainda longe de ser entendida dentro das complexidades perceptíveis nos imigrantes de hoje. Assim, se sua escrita trata de um exílio, não se pode negar que a relação com o tempo é igualmente importante. A poesia, neste sentido, colabora para que barreiras sejam rompidas, ela funciona como linhas de fuga que estruturam e recompõem as ambiguidades de uma existência atravessada pelo passado. Neste ano em que se comemora o centenário do romance e que as atenções se voltam para reler e celebrar a obra de Maran, percebe-se que a França do Hexágono ainda não conseguiu se haver com este autor, que pertence à sua história literária mais do que se poderia imaginar na época em que *Batouala* foi publicado e premiado. Na tensão entre a descrição do horror da colonização e o apego a uma nacionalidade ainda por conquistar, encontra-se em Maran, uma personalidade literária também em vias de ser descoberta.

RENÉ MARAN, EXILATED OF TIME

ABSTRACT: *This paper aims to examine the construction of a poetics of exile in the writing of René Maran (1922; 1935). Based on the considerations of Edward Said (2003) in “Reflections on exile”, we propose to understand the figure of the exile in the representations of nationality as a constitutive process of an ambiguous literary personality. In addition to pointing to the representation of an absence, Maran’s poetry ends up showing the expression of a feeling of exile that is more strongly linked to time than to spatial distances. Therefore, we discuss the peculiar place that Maran occupies in literature (French and/or Guyanese), giving special attention to his poetry, regarded as “classic” and little studied (MOURALIS, 2013; LITTLE, 2005).*

KEYWORDS: *René Maran. Guyanese poetry. Exile. Latin American literature in French language.*

REFERÊNCIA

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Planaltos**: Capitalismo e Esquizofrenia 2. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

HALL, S. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KESTELOOT, L. **Les écrivains noirs de langue française**: naissance d'une littérature. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles; Institut de Sociologie, 1963.

LITTLE, R. Maran Re-né. **Le Courier de la SIELEC**. n.11, p. 27-29, 2020.

LITTLE, R. René Maran, poète français, francophone, francographe. **Revista Francofonia**, Cádiz, n. 14, p. 63-76, 2005.

MARAN, R. **Batouala**, véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1989a.

MARAN, R. Préface. In. MARAN, R. **Batouala**, véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1989b. p. 5-11.

MARAN, R. **Un homme pareil aux autres**. Paris : A. Michel, 1962.

MARAN, R. **Bêtes de la brousse**. Paris : A. Michel, 1941.

MARAN, R. **Les Belles images**. Paris : Editions Delmas, 1935.

MARAN, R. **Le Livre de la brousse**. Paris : A. Michel, 1934.

MARAN, R. **Djouma, chien de brousse**. Paris : A. Michel, 1927.

MARAN, R. **Le visage calme** : stances. Paris : Aux édition du monde nouveau, 1922.

MOURALIS, B. René Maran Et Le Monde Antique : Du Lyrisme Élégiacque Au Stoïcisme. **Présence Africaine**, Paris, n.187/188, p. 183-196, 2013.

MORETTIN, E. Cinema e Colonialismo: a Exposição Colonial Internacional. Vincennes, 1931. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1376084634_ARQUIVO_EduardoMorettinCinemaColonialismoAExposicaoColonialInternacional_Vincennes,1931_-TextoFinal.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio**: e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Danielle Grace de Almeida

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: Cientistas, Instituições e Questões raciais no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WILDER, G. **The French imperial nation-state**: negritude and Colonial Humanism between the Two World Wars. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

NE VISITEZ PAS l'exposition coloniale. 1931. Disponível em <http://www.melusine-surrealisme.fr/site/Tracts_surr_2009/Tracts_I_2009.htm#par_63>. Acesso em: 20 ago. 2021.

